

OPINIÃO

Capital de Risco por Rodrigo de Matos



Há uma questão que tem de ser respondida: os *clusters* económicos portugueses vivem das 'sobras' da procura dos mercados externos ou o país tem, de facto, capacidade de conquista diferenciadora nesses mercados

Qualificação do crescimento económico precisa-se

José Manuel Fernandes

A economia é uma área muito versátil e importante no Orçamento Geral de Estado, sobre a qual não se reflete a mesma importância entre todas as forças políticas representadas no Parlamento. Tem um papel relevante por aquilo que nos leva à sua leitura e interpretação. Mas há muito mais além dessa leitura, quanto à sua projeção estratégica, à sustentabilidade, e de onde se alicerça e como se desenvolve.

Apesar de o facto do PIB ter crescido 2,7% em 2017, a análise e o escrutínio da nossa posição em relação aos 27 membros da União Europeia (UE) obriga-nos a refletir e a fazer uma introspeção sobre o nosso crescimento relativamente aos outros membros, sobre a nossa capacidade de resiliência de hoje e em relação a próximos períodos de arrefecimento da economia europeia ou global.

Cabe, por isso, lançar questões pertinentes que ensombrem o nosso estado de graça para com o nosso contentamento em relação ao crescimento económico.

Qual é a nossa resiliência por *cluster* perante a concorrência nos mercados externos? Qual a nossa capacidade real de atrair Investimento Direto Estrangeiro (IDE) estratégico para reforçar a nossa economia e a sua resiliência?

Será que os nossos *clusters* vivem das sobras da procura dos mercados externos ou temos, de facto, capacidade provocatória de conquista diferenciadora desses mercados, mesmo em períodos

de arrefecimento da economia global?

É muito limitada a análise ao PIB Potencial em relação ao nosso crescimento, quando é feita sobre dois recursos produtivos, o trabalho e o *stock* de capital.

A evolução demográfica desfavorável não nos dá mais jovens para as novas áreas de recursos humanos qualificados, que neste momento escasseiam, não desclassificando a integração e importância de desempregados de longa duração, provenientes de sectores ou empresas em crise, ou em extinção.

O recrutamento de RH jovens é uma necessidade absoluta para responder perante os novos perfis de carreira profissionais, como a digitalização, a indústria 4.0, as novas áreas do marketing relacional, os novos gestores, etc.

O nível de ensino profissional, em todo o seu sistema, para a qualificação

dos RH peca ainda por falta de eficiência na complementaridade dentro do nosso sistema de formação profissional global, cujas alternativas e vasos comunicantes devem estar no domínio e conhecimento público.

A legalização, seleção e formação de RH provenientes da imigração é uma porta aberta disponível, mas com dificuldade ainda no nosso país, por inexistência de uma vontade política para tal, enquanto outros países já o fazem.

Os custos de contexto como a energia e o garrote fiscal são desincentivadores dos empresários assumirem projetos reforçados, muito mais ousados, a partir dos existentes, mesmo sendo competitivos globalmente. Cabe evidenciar que Portugal tem muitas empresas que podem dar saltos significativos nos seus projetos.

Por outro lado, a base sólida e forte com vista a termos uma economia resiliente está na competência de toda uma indústria e serviços em ter uma elevada capacidade de integrar inovação diferenciadora. Isto não se obtém por varinha mágica, mas tem de estar estruturada na base da cadeia de valor de modo a se gerar mais conhecimento através da ciência e, deste modo, fomentar o desenvolvimento de novas tecnologias e conseguir os melhores canais para as fazer fluir para as empresas.

Estamos todos a ter consciência de que há uma nova matéria-prima nas empresas, que é o conhecimento, que está a fazer disparar a procura do mesmo.

As instituições tecnológicas estão cheias de projetos. A procura por parte das empresas vai aumentar. Urge colocar este tema na estratégia do programa do Governo. Como responder? Será que o Programa Interface responde a este nível expectável?

No espaço apelativo ao IDE, a importação que esse tipo de investimento pode provocar, além da criação de postos de trabalho, deve ser a de ancorar conhecimento e fomentar a investigação envolvendo as nossas universidades e instituições tecnológicas.

Estes são alguns dos motores para fazer crescer a economia e qualificá-la para um crescimento potencial que a coloque em cenários futuros mais resilientes perante oscilações das economias externas e de modo a podermos assistir ao crescimento da nossa economia, através de uma permanente qualificação, mesmo quando os nossos pares da UE estejam em estagnação.



Jovens qualificados são uma necessidade absoluta FOTO LUÍS BARRA



Economia Real

Luís Mira Amaral
geral@forumcompetitividade.org

A FÁBRICA PORTUGAL SA

Europa, América e Ásia estão a crescer de forma sincronizada.

Portugal, na sequência do Programa de Ajustamento e a reboque desta conjuntura fabulosa de taxas de juro muito baixas, de petróleo barato, de crescimento europeu e de *boom* turístico, teve em 2017 o maior crescimento do século, convergindo com a Europa. Mas 14 países europeus cresceram mais do que nós, entre os quais Chipre, Irlanda e Espanha também sujeitos a programas de ajustamento. Só crescemos acima da Europa porque a Alemanha, França, Reino Unido e Itália cresceram menos do que nós e o seu peso na economia europeia puxou para baixo o crescimento comunitário. E no *ranking* do crescimento de riqueza *per capita* já estamos na 24ª posição entre os 28 da UE.

Não estamos a aproveitar a fabulosa conjuntura para atacar as nossas debilidades estruturais e temos dois problemas que vão pôr em causa este crescimento: a baixa taxa de poupança que nos levará a recorrer à poupança externa e logo ao endividamento para financiar o investimento, o que causará pressões não sustentáveis nas contas com o exterior; o baixo crescimento do PIB potencial.

É pois crucial aumentar o PIB potencial, ou seja, libertar o nosso potencial produtivo desenferujando a Fábrica Portugal SA!

Para explicar o que é o PIB potencial recorri a uma imagem compreensível que a Joana Mateus simpaticamente reproduziu no último Expresso: é a capacidade instalada da Fábrica Portugal SA. Pode-se ultrapassar a capacidade instalada numa organização, mas entramos em ineficiência com sobrecustos e stress sobre a organização, não sendo tal sustentável a prazo. É o que acontece à nossa economia, pois o PIB já é superior ao PIB potencial e por isso iremos desacelerar e voltar a divergir com a Europa.

É pois crucial aumentar o PIB potencial, ou seja, libertar o nosso potencial produtivo desenferujando a Fábrica Portugal SA! Para isso são necessárias as reformas estruturais e as políticas públicas do lado da oferta, política industrial inclusive.

Neste contexto, como presidente do Conselho da Indústria da CIP, coordenei o relatório "O Conceito da Reindustrialização, Indústria 4.0 e Política Industrial para o Século XXI - O Caso Português" (*cip.org.pt*), com o objetivo de contribuir para o processo de reindustrialização e dinamização do PIB potencial.

O programa da *troika* forçou as empresas a virarem-se para os mercados externos, a nossa capacidade empresarial soube responder e a boa conjuntura externa tem ajudado. As exportações industriais estão num bom momento, mas não nos podemos resignar a ficar na cauda da Europa!

Engenheiro (IST)
e Economista (Msc NOVASBE)

Chairman Frezite Group